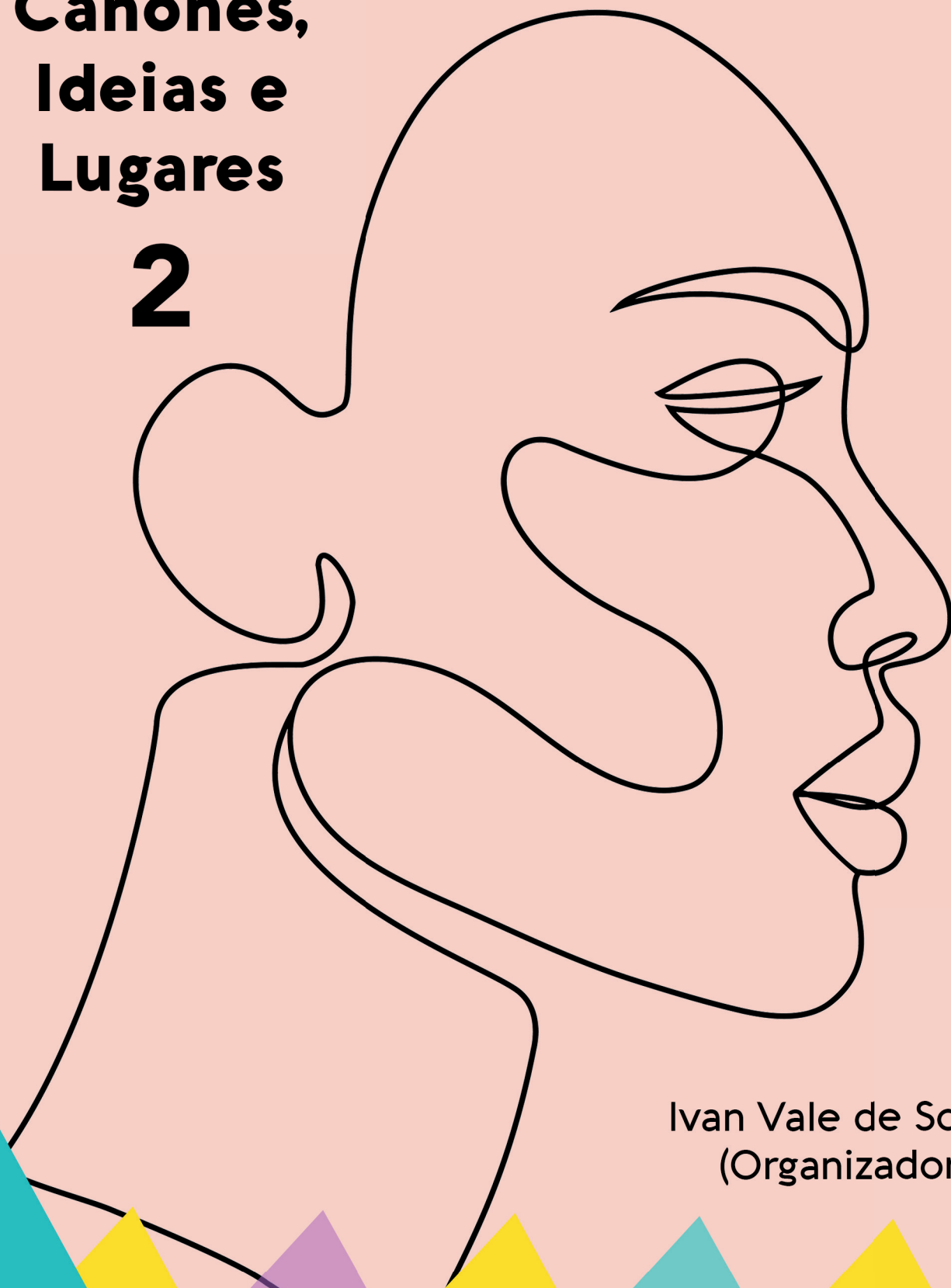


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

Ivan Vale De Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira	
Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert	
Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa	
Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins	
Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA *A REDENÇÃO DO AMAZONAS*, DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 05/05/2020

Luciane Viana Barros Páscoa

Universidade do Estado do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Manaus.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7175920728861467>

Keyla Moraes da Silva Martinez

Universidade do Estado do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Manaus

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5864665828900359>

RESUMO: O pintor Aurélio de Figueiredo (1854-1916) deixou obra de temática histórica significativa dentre o que se destaca aquela produzida no entardecer do Império e alvorecer da República. Neste período realizou um quadro de grandes dimensões, hoje na Biblioteca Pública do Amazonas, intitulado *A Redenção do Amazonas*. Nele, personagens históricos e alegóricos exultam a ascensão do Amazonas na nascente república brasileira, como um dos estados que se distinguia pela pujança de sua natureza, a riqueza do seu comércio, e o pioneirismo da erradicação da escravidão. Tal narrativa, embalada pela presença indiscutível

dos valores culturais representados pelas musas, não podia deixar de representar a música em plena ação lírico-poética. Este artigo discute o papel desta expressão para a composição da obra pictórica.

PALAVRAS-CHAVE: Aurélio de Figueiredo; Pintura; Abolição; Século XIX; Iconografia musical

THE MUSICAL ICONOGRAPHY IN THE PAINTING *A REDENÇÃO DO AMAZONAS*, BY AURÉLIO DE FIGUEIREDO

ABSTRACT: Aurélio de Figueiredo (1854-1916) was a brazilian artist who left a significant work of historical subject, featuring artwork painted between Imperial and Republican times. During this period he made a huge painting, actually displayed in Amazonas Public Library, entitled *A Redenção do Amazonas*. In this painting, the allegorical and historical characters rejoice the rising of Amazonas state in the brazilian republic, as a land of powerful nature and wealthy commerce, where the slavery was eradicated. Such a narrative, stimulated by the indisputable cultural value portrayed by the muses, could not fail to depict the music in its lure action. This paper deals with these aspects in Aurélio de

Figueiredo's pictorial work.

KEYWORDS: Aurélio de Figueiredo; Painting; Abolition; Nineteenth century; Musical Iconography

1 | INTRODUÇÃO

Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello (1854-1916) foi artista visual e escritor, frequentou a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro sob a orientação de seu irmão, o pintor Pedro Américo (1843-1905) e de Jules Le Chevrel (ca. 1810-1872). Completou sua formação artística na Europa entre 1876 e 1878, quando estudou com Antonio Ciseri (1821-1891), Nicolò Barabino (1832-1891) e Stefano Ussi (1822-1901), todos pintores de história, gênero e retrato.

Após retornar ao Brasil, instalou-se no Rio de Janeiro e seguiu trabalhando em novos quadros. Logo depois tornou a fazer novas viagens e exposições, incluindo a Europa, Repúblicas do Prata e Montevideu, onde foi apreciado pela crítica de arte. Na década de 1880 participou de várias edições da Exposição Geral de Belas Artes. Sua obra abrange além de retratos, naturezas-mortas, cenas de gênero e paisagens, grandes composições de temas literários e históricos, tais como as obras realizadas para o governo do Estado do Amazonas.

Em 21 de maio de 1890, participou de um concurso literário, aberto pelo *Correio do Povo* em que ganhou primeiro lugar na prosa, ao escrever o romance *O Missionário*, recebendo premiação em dinheiro (Gazeta do Norte, 1890). Os trabalhos de Figueiredo seguiam-se cada vez mais requisitados e prestigiados pelo público, e em junho de 1890 expôs no Rio de Janeiro a tela que representava a libertação do Amazonas (*A Lei Áurea no Amazonas* ou *A Redenção do Amazonas*). (Jornal do Commercio, 1890)

Naquela época foi notável o volume de encomendas das obras de Figueiredo e seus trabalhos executados foram muito noticiados e elogiados pela imprensa. Além de pintar temas acadêmicos históricos, há relatos de que Aurélio de Figueiredo vez ou outra fugia à rigidez dos temas de literatura e história e, em seus momentos livres, dedicava-se “ao livre curso da graça e à maestria do seu gênio interpretativo”. (LIMA, 1963, p. 851)

Herman Lima (1963, p. 851) ressaltou que “a Aurélio de Figueiredo, sacrificado como foi pelo academicismo em moda, não faltava espontaneidade nem uma palheta variada e brilhante.” E segundo Gonzaga Duque:

Não obstante predileção pelas alegorias e telas decorativas o seu sentimento estético abrange mais vasta extensão. A facilidade de pintar, o viço do talento dão-lhe ensejo de trabalhar muito, ora em composições, ora em quadros de gênero, já em paisagens, já em natureza morta, ou em pequenas fantasias a pincel. (DUQUE, in: LIMA, 1963, p.851)

Das inúmeras cidades que o artista esteve presente no Brasil, obteve relevante prestígio em Belém e em Manaus, sendo recebido com grande apreço, com inúmeros

jantares e banquetes oferecidos pelos governadores da época, os quais realizaram encomendas de obras solicitadas ao artista. Nota-se a grande repercussão no âmbito das artes visuais e a significativa recepção de sua obra no norte do país.

Aurélio de Figueiredo esteve em Manaus em três ocasiões: 1888, 1907 e 1909. De seu trânsito no norte, encontram-se cinco obras pictóricas em acervos institucionais: *A Ilusão do Terceiro Reinado*, também conhecida como *O Último Baile da Ilha Fiscal* (esboceto) e *O Banho de Ceci* (Pinacoteca do Estado do Amazonas); *A Redenção do Amazonas* (Biblioteca Pública do Estado do Amazonas); os retratos da *Princesa Isabel* e de *Dom Pedro II*, (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas).

2 | A REDENÇÃO DO AMAZONAS E SEU CONTEXTO

O presente artigo tem por objetivo desenvolver um estudo iconográfico-musical da pintura *A Redenção do Amazonas*, executada entre 1884 e 1890, por encomenda do governo. Para realização do estudo iconográfico-musical, seguiu-se os princípios metodológicos de Aby Warburg (2012) e Erwin Panofsky (2014), que através da iconografia e da iconologia, propõem uma abordagem histórica e cultural do objeto artístico.

A obra em questão possui variações de título. Em Manaus, é conhecida também por *A Lei Áurea no Amazonas* e, possivelmente é conhecida desta forma em razão das escrituras da placa fixada na moldura. Já a referência à obra como *A Libertação do Amazonas* é encontrada no livro de 1985, intitulado *Aurélio de Figueiredo – Meu Pai*, de Heloísa Cordovil. O mesmo nome também é mencionado no Catálogo de Exposições de 1956, em homenagem ao centenário de nascimento do artista onde encontra-se a referência da aquisição da obra pelo Governo do Estado do Amazonas. Em *De um capítulo do Esaú e Jacó ao painel do Último Baile*, Alexandre Eulálio (1982) menciona que esta obra aparece na crítica conteudística de Gonzaga Duque como *A Redempção do Amazonas*.

O tema da obra faz referência ao fim da escravidão negra no Amazonas. No entanto, antes de adentrar em seus aspectos iconográficos e iconológicos, torna-se relevante observar o cenário dos acontecimentos que permearam e de certa forma influenciaram seu conteúdo.

Ao longo do século XIX ocorreram várias ações emancipacionistas que deram vazão ao desejo do fim da escravidão negra no Brasil. O encaminhamento parlamentar e a definição de uma legislação emancipacionista foram alguns fatores que ajudaram a resultar na chamada abolição da escravatura. Segundo Menezes (2014, p. 2) na década de 1870, “políticos liberais já debatiam no parlamento imperial que a escravidão era um entrave ao desenvolvimento econômico e social do país.” Porém, enquanto projeto político, o abolicionismo só tomou grandes proporções a partir de 1880.

É inegável a participação popular no processo de abolição da escravidão no Amazonas. Segundo Renata Moraes (2007, p.218), “um imaginário do desejo popular

em torno da lei foi criado, principalmente nos momentos que a antecederam”. Contou-se com a participação de diversas esferas sociais nesse processo. No entanto, além das questões do parlamento havia um amplo desejo, pelas classes, de extinção do elemento servil escravo.

Em meio a este cenário é interessante destacar que a imprensa foi propagadora de uma imagem de exultação pelo abolicionismo nacional, pois publicava textos de apoio pelo fim da escravidão. Desta forma, vários jornais de cunho abolicionista surgiram em todo o país, como por exemplo: *Gazeta da tarde*, no Rio de Janeiro, *A Tribuna Livre* em Goiás, *Ave Libertas* no Ceará, *A Província de Minas*, em Minas Gerais, o *Abolicionista do Amazonas* no Amazonas.

As opiniões acerca da libertação dos escravos eram divergentes, porém com a força do discurso popular abolicionista que se estabelecia e das reações dos escravos que se disseminavam, muitos acabaram aderindo à causa. Segundo Machado (2003, p.3) “Muitos só defenderam o término incondicional da escravidão, quando se tornou impossível preservá-la em virtude das incessantes fugas dos escravos das propriedades e o apoio acentuado da sociedade para a sua eliminação.” Na década de 1880 essas questões estiveram mais afloradas em razão do desejo da população de uma solução imediata para o fim da escravidão. Dessa forma, a imprensa exerceu forte função neste momento da história, sendo veiculadora das ideias abolicionistas em todo o Brasil:

Especialmente na década de 1880, a imprensa adquiriu um papel fundamental na difusão das idéias abolicionistas e republicanas, que influenciou não somente as elites intelectuais. Os jornais tornaram-se verdadeiras “fábricas de notícias”, “indústrias de informação” e, junto com outras instituições, atuaram no sentido de formular novos valores para uma sociedade que estava iniciando um processo de mudanças. Os assuntos políticos e o abolicionismo “ganharam as ruas” junto com os periódicos e os segmentos urbanos tiveram maior facilidade de externar as suas reivindicações. (MACHADO, 2003, p. 3).

No Ceará (primeiro estado a abolir a escravatura em 25 de março de 1884, quatro anos antes da abolição total da escravatura no Brasil), contou-se com a participação do jornal *O Libertador*, que procurou incentivar a sociedade a apoiar a abolição por meio de discursos inflamados que muitas vezes se utilizavam mais da comoção e da sensibilização da sociedade. No Amazonas, (segundo estado a abolir a escravatura em 10 de julho de 1884), além da imprensa, algumas ações abolicionistas foram empregadas, como o oferecimento de jantares visando a arrecadação de fundos para compra de cartas de alforria e a realização de bazares, dentre outras atividades.

Conforme Neto (2011, p.4), a abolição não se deu apenas por razão de uma benevolência de alguns senhores, mas antes de tudo “foi produto de uma ampla teia de relações escravocratas estabelecidas, de interesses negociados, além das diversas implicações advindas da conjuntura econômica e social do império e da região, e que levaram a escravidão a ser aos poucos, mas progressivamente minada.”

O Amazonas neste período contava com uma população média de 1.500 cativos. Pouco quando comparado com outras áreas do Império, mas uma quantia [sic] não menos relevante. Escravos e escravas, cafuzos, mulatos, índios e brancos numa sociedade rigidamente hierarquizada, com categorias sociais bem estabelecidas. E dentre as condições que determinavam a categoria social, a posse da liberdade era essencial. (NETO, 2011, p.4)

É importante ressaltar que durante a investida abolicionista no Brasil a participação feminina ocorreu de forma marcante por meio de vários movimentos e agremiações mistas como também por aquelas compostas exclusivamente por mulheres. Destaca-se a figura feminina de grande participação na luta abolicionista, Leonor Porto, que exercia em Recife a função de costureira e modista. Seu envolvimento com a causa abolicionista possibilitou a participação em diversos grupos de mesmo interesse, como por exemplo, a associação emancipatória mista Clube do Cupim. (SCHUMACHER, 2000, p.323)

À época, foi uma sociedade secreta que alforriava, defendia e protegia escravos, integrada também por Joaquim Nabuco, Tomás Espiúca, Alfredo Pinto, Numa Pompílio, João Ramos, Gomes de Matos e Manuel Joaquim Pessoa. Uma das ações dos membros que se destacavam consistia enviar escravos para o Ceará por meio de barcaças, pois ali já havia ocorrido a abolição da escravatura. (MOURA, 2004, p. 101) Os membros integrantes do grupo trabalhavam organizando as idas e vindas de escravos que almejavam a tão sonhada liberdade, levando-os onde houvera pontos seguros de destino, como por exemplo, alguns lugares do Nordeste.

Segundo Vainsencher (2009, p.2) outras mulheres estiveram na luta abolicionista, como por exemplo, Maria Amélia de Queiroz, que proferiu várias palestras públicas às quais propagava e defendia a abolição. Além do Clube do Cupim, Leonor Porto presidiu outra associação em Recife, só que desta vez composta apenas por mulheres: A Ave Libertas. Fez parte também Inês Sabino, nascida na Bahia, e posteriormente radicada no Recife, a qual retratou a questão da invisibilidade da mulher na sociedade brasileira por meio do livro *Mulheres Ilustres do Brasil* de 1889. Além de editar livros de poesia, Inês Sabino também contribuiu para a imprensa como *Gazeta de Notícias*, *O País*, *O tempo*, *Gazeta da tarde*, *Jornal do Brasil* e também algumas revistas femininas como *A Mensageira (1857-1890)*, *Eco das Damas (1879-80)* e *A Família (1888-1889)*. Via na instrução pública a possibilidade de melhoria de vida para a parte desfavorecida da população. Inês Sabino também alcançou uma carreira jornalística e defendeu os direitos individuais dos oprimidos como indígenas, escravos e as mulheres.”(QUILAN, 1988, p.2)

Em meio ao processo abolicionista, tanto Leonor Porto quanto Inês Sabino foram mulheres marcadas pelo desejo de rompimento com as estruturas de suas épocas, e após o dia 13 de maio de 1888, (marco temporal em que se extinguiu legalmente a escravidão no país), tais mulheres deram início ao processo de alfabetização dos ex-escravos, e também ao ensino de técnicas de trabalho manuais, a fim de que eles pudessem se capacitar e adentrar o mercado de trabalho. (VAINSENER, 2009, p.2)

O rompimento de alguns padrões sociais que eram impostos às mulheres foram, segundo Vainsencher (2009), um exercício de inserção na política. Em Manaus, as mulheres da elite foram grandes protagonistas do movimento abolicionista na província, principalmente no ano de 1884. Também existiram clubes abolicionistas compostos essencialmente por elas, e que resultaram na criação de alguns periódicos abolicionistas como, por exemplo, o *Abolicionista do Amazonas*, criado em 4 de maio de 1884 e que levava à sociedade amazonense um desejo de libertação, como ilustra a notícia da primeira tiragem:

Surgindo hoje a luz da publicidade, este periódico dedicado exclusivamente a fazer propaganda das ideias que se propõe advogar, faz completa abstenção das questões políticas ou administrativas que não se envolvam com o mesmo assunto. Ele será publicado uma vez por semana, aos domingos, ou mais vezes se a necessidade assim o exigir. Desconhece completamente os partidos militantes dedicando-se unicamente a causa da abolição do elemento servil nesta província. (*Abolicionista do Amazonas*, 1884)

O jornal também destacava a criação da Lei Áurea criada sob o nº 632, de 24 de abril de 1884 que designou um fundo de 300:000\$ réis destinado ao auxílio da libertação dos escravos na província do Amazonas. (*Abolicionista do Amazonas*, 1884)

Segundo Menezes (2014, p. 2), as mulheres “foram parte essencial na formação de uma ideologia e no cotidiano político nesse momento buliçoso da história brasileira.” A autora também percebe que o abolicionismo representou a visibilidade da mulher na esfera política. No entanto, a participação da maior parte das mulheres esteve voltada para ambientes essencialmente femininos e permite perceber que boa parte de suas atuações ocorreram de maneira discreta e infiltrada, presentes na promoção de recitais, na realização de bailes, bazares, leilões e até mesmo no levantamento de doações em dinheiro com o objetivo de arrecadar fundos para compras de cartas de alforria de escravos.

Conforme destaca Neto (2011, p. 75), as alforrias dos escravos foram instrumentos jurídicos que possibilitaram a posse da liberdade, e por meio delas “se documentava a mudança da condição legal de escravo para a condição legal de livre. A palavra provém do árabe (al hurriá) e significa o estado do homem livre, liberdade do cativo concedido ao escravo.”

3 | A ICONOGRAFIA MUSICAL E A ICONOLOGIA EM A *REDEÇÃO DO AMAZONAS*

A obra de grande dimensão *A Redenção do Amazonas* (Figura 1) está localizada na parte superior das escadarias da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas. A pintura é uma composição alegórica com muitas figuras femininas representadas. A obra não possui data, porém, segundo Alexandre Eulálio (1983), foi utilizada para celebrar no ano de 1886 o fim do cativo na província. Eulálio destacou a escolha de Aurélio de Figueiredo em pintar representações alegóricas, no âmbito da pintura de história. No mais

recente catálogo da Pinacoteca do Estado do Amazonas, a ficha técnica da obra indica o ano de 1888 (PINACOTECA, 2016).



Figura 1: Francisco Aurélio de Figueiredo. *A Redenção do Amazonas*. Óleo sobre tela 665cm x 365cm. c.1888, Biblioteca Pública do Amazonas. Crédito de imagem: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas.

Percebe-se na obra de Figueiredo, quatorze figuras humanas representadas numa narrativa que intercala alegorias e personagens cotidianos, em ofícios ou diferentes funções. No lado esquerdo da pintura, há uma espécie de forte encastelado em ruínas (uma provável alusão ao Forte de São José da Barra do Rio Negro), que contém o brasão de cinco quinas de Portugal, com nítida referência ao passado colonial. Deste forte, sai a figura de um homem negro ao lado de uma mulher indígena que segura uma arara vermelha em seus dedos, provavelmente para evidenciar os aspectos exóticos da região amazônica. Curiosamente, a arara segura um ramo de folhas, tal como uma coroa de louros que será colocada na cabeça do homem negro, em alusão à aclamação da liberdade dos cativos no Amazonas. Com mesmo sentido de aclamação, verifica-se uma coroa de louros sobre a bandeira que o homem negro segura com a inscrição *Redempção* (Figura 2).



Figura 2: Francisco Aurélio de Figueiredo. *A Redenção do Amazonas*. Óleo sobre tela

665cm x 365cm, c.1888. Biblioteca Pública do Amazonas (pormenor). Crédito de imagem: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas.

Neste caso, simboliza a vitória alcançada, a glória da liberdade em 1884 pelos cativos uma vez que o personagem é representado com o grilhões dos pés rompidos. Natural do nordeste, o artista inseriu na composição um cacto típico das regiões sertanejas, o mandacaru. Segundo crenças da região, quando o mandacaru floresce é sinal que a chuva chega ao sertão. A presença do mandacaru é uma provável referência à abolição total da escravatura no Ceará em 25 de março de 1884.

Uma garça está ao lado da figura feminina indígena, que é representada vestindo uma saia estilizada de tecido branco com plumas rosadas e com adereços de plumas e um cocar. Nota-se que a mulher indígena foi representada de maneira idealizada, pois é bem mais alta que o homem negro, visto que os dois personagens pisam no mesmo degrau. O homem negro tem a manga da camisa e a barra da calça dobradas, mostra o peito nu. Os dois personagens estão descalços. Tanto o negro como a indígena fazem um gesto com as mãos em direção ao quadrante oposto da pintura. A mulher indígena olha para o homem negro, e este, olha por cima do centro da composição, em direção à representação das alegorias das artes e dos elementos arquitetônicos clássicos.

No centro da composição (Figura 3), nota-se um personagem masculino em meio a produtos como tecidos finos, joias, frutas de diversas regiões, metais, vasos de porcelana e *chinoiserie*, tapeçarias, baixelas de metal, cana-de-açúcar, dentre outros, como uma possível menção à economia e ao comércio. Este personagem masculino, representa um comerciante vestido de modo simples (roupas comuns, camisa com punhos dobrados

até os cotovelos, calça e camisa interior) aparece ao lado de uma figura feminina que lhe oferece uma fruta.



Figura 3: Francisco Aurélio de Figueiredo. *A Redenção do Amazonas*. Óleo sobre tela, 665x365cm. c.1888. Biblioteca Pública do Amazonas (pormenor). Crédito de imagem: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas.

Percebe-se que esta figura feminina remete às características da alegoria da fartura. Está vestida com roupas que aludem à iconografia da antiguidade clássica, tecido leve em tons de verde com um cinto de couro, onde está pendurada uma faca com lâmina curva. Possui cabelos longos ruivos e uma coroa de flores azuis. A caixa ao lado do comerciante possui inscrições incompletas: *AMAZO[...]* e *M[...]* indicando que se trata do nome Amazonas e da letra inicial de Manaus. As embarcações representadas ao fundo, tanto de velas quanto à vapor, fazem alusão ao porto, à economia e à oferta de riquezas, além de rememorar a forma como os escravos chegavam à região.

Da esquerda para a direita do quadro, encontra-se uma jovem mulher costurando e ao seu lado está uma figura feminina seminua com um martelinho, representando a alegoria da escultura (Figura 4).



Figura 4: Francisco Aurélio de Figueiredo. *A Redenção do Amazonas*. Óleo sobre tela, 665x365cm. c.1888. Biblioteca Pública do Amazonas. (pormenor). Crédito de imagem: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas.

O busto retratado carrega uma espécie de barrete frígio na cabeça, símbolo associado à liberdade na república francesa. Sobre o busto que nos olha é colocado uma faixa de escritura: *Ave Libertas*, que lembra os anseios políticos dos ideais republicanos que circulavam no Brasil. Também a faixa pode fazer alusão à participação feminina na abolição com a associação *Ave Libertas*, conduzida por Leonor Porto. Talvez por isso a escultura esteja representada ao lado de uma mulher que costura ou borda, e que remete à musa Clio, que tece a história. A pintura segue uma narrativa épica não-estática, que caminha para o ápice.

Abaixo de Clio, percebe-se um vaso grego com uma figura feminina pintada. Atrás destes personagens alegóricos, vêem-se duas colunas em mármore rosa. Ao lado direito observa-se outros elementos de uma arquitetura típica dos templos clássicos, e o chão coberto de flores, como oferendas ao altar de glorificação às Artes, tema frequentemente utilizado na pintura de tradição europeia na Europa nas representações alegóricas do século XIX.

Além dessas personagens, identifica-se outras alegorias da mitologia clássica, tais como a Pintura, Poesia, Música e Tragédia (teatro). No quadrante superior, a musa da poesia aparece plenamente iluminada, com folhas de louros na cabeça, onde repousa uma estrela ao centro que brilha intensamente, seu olhar se volta para o céu e nota-se a mistura de características entre a alegoria da Glória, e da musa da poesia lírica, Calíope. Atrás, vê-se uma cortina carmim entre a coluna e as colunas adossadas, evocando a teatralidade da cena e a porta de entrada do templo (Figura 5).



Figura 5: Francisco Aurélio de Figueiredo. *A Redenção do Amazonas*. Óleo sobre tela 665x365cm. c.1888. Biblioteca Pública do Amazonas. (pormenor). Crédito de imagem: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas

Ao lado da alegoria da escultura, vê-se a musa da tragédia, vestida de azul, com um manto mais escuro, usa sandálias romanas e segura um punhal na própria direção. O semblante é tenso e seu gestual dramático comporta a mão esquerda no peito e uma perna um pouco à frente, como contrapeso e movimento. O punhal voltado para dentro simboliza a força recolhida e a mão sobre o peito, o amor à Pátria. Seu olhar está direcionado para fora da cena. Está usando uma tiara com uma estrela de cinco pontas, um bracelete e um cinto dourado, possui cabelos escuros e longos. É possível que Aurélio de Figueiredo tenha representado através da composição da alegoria da Tragédia, uma menção correspondente à alegoria da República.

Logo atrás está a alegoria da Música, que toca uma harpa moderna, do século XIX. Está num espaço menos iluminado e possui uma expressão compenetrada. Não está ornada com adereços, apenas toca a harpa. Sua simplicidade, remete à simbologia da harpa e da lira, como harmonia cósmica e da união harmônica entre céu e terra, entre forças naturais e espirituais. A presença da harpa está documentada desde 3000 a.C, na Mesopotâmia e no Egito. Ignorada pelas civilizações grega e romana, que preferiram a lira e cítara, a harpa foi reintroduzida na Europa através da cultura celta. Provavelmente foi disseminada pelos trovadores irlandeses e ingleses durante a idade média. Durante a renascença, era usada em festas e banquetes, acompanhando o canto e a dança.

Vincenzo Galilei escreveu em 1581 sobre a harpa de 58 cordas montada em filas paralelas, uma para sons diatônicos, outra para sons cromáticos, para exemplificar a nova música tonal. Durante o século XVII, o instrumento foi frequentemente usado na prática

do baixo contínuo. Monteverdi inseriu um solo de harpa em sua obra *La favola d'Orfeo* (1607), no momento da descida do cantor ao Hades. No final do século XVIII, a harpa foi equipada com um mecanismo capaz de modificar o tom das cordas e posteriormente, esse mecanismo foi conectado a um sistema de pedais, aperfeiçoado em torno de 1810 por Sebastien Erard. Nos exemplos modernos, o número de cordas varia de 42 a 46 e cada corda pode obter três sons diferentes através dos pedais. A partir do século XVII a harpa foi considerada um instrumento galante, adequado às apresentações de câmara. Foi inserida com regularidade na orquestra a partir de Berlioz e no final do século XIX, Wagner e Mahler procuraram explorar as peculiaridades timbrísticas do instrumento (AUSONI, 2005, p.252). Atributo do deus grego Apolo, de modo geral, a harpa é um símbolo da música e da poesia. Atribuía-se ao som da harpa (ou lira), como no mito de Orfeu, efeitos mágicos utilizados para amansar animais selvagens. A execução da harpa costuma aparecer como na Bíblia, como expressão da graça e do louvor a Deus. (LEXICON, 1997, p.125). A música no contexto da composição, simboliza a harmonia e celebra a liberdade.

Ao lado da alegoria da Música está uma cratera com suporte em metal com incenso fumegante logo na entrada do templo, enfatizando a ideia de culto às Artes. No mesmo plano da musa da Música, está em pé, uma figura feminina com vestes clássicas que segura uma tela e observa outra figura feminina, com vestes mais requintadas, a pintar. A figura em pé segura um compasso, um dos atributos da Arquitetura. Na tela, vê-se a pintura de uma figura feminina segurando uma tocha, em atitude de vitória. Tratam-se das alegorias da Arquitetura e da Pintura. As vestes da alegoria da Pintura são ricas, com tecidos sobrepostos com véu, gola rendada, um colar de pérolas, brincos de argola dourados, pulseira dourada e de pérolas, e uma grinalda de flores na cabeça. Há um contraste entre as vestes da alegoria da Arquitetura e da Pintura, a primeira mais austera e a segunda mais ornamentada.

O último grupo reúne a figura de um ancião barbado e de uma mulher operária exercendo uma função na tipografia, e que possivelmente representa a participação feminina na imprensa brasileira na época da abolição. Outros elementos simbólicos são representados nesse grupo: os livros, os jornais, o globo terrestre, a prensa. O globo terrestre é símbolo do conhecimento nas universidades medievais, e o ancião que segura o livro, representa o tempo e a sabedoria. Ao lado da mesa do ancião, está recostada uma tela, e em frente, uma prensa tipográfica manuseada pela jovem mulher operária, que recebe das mãos do ancião, folhas soltas. Sobre os jornais, uma menina nua segura o *Boletim Científico*, trazendo as boas novas da abolição e da esperança de um novo tempo de liberdade.

A presença de ofícios essencialmente femininos retratados na tela lembra que no século XIX, o abolicionismo e as mulheres andaram em alguma medida interligados. No quadro também é possível perceber a imagem de uma criança que simbolicamente

pode representar estruturas da psique social de um novo momento que se aproximava na sociedade do século XIX, ou seja, a pós-abolição da escravatura e a República ainda na sua infância.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No discurso proferido pelo artista na ocasião de uma de suas estadas em Manaus e em seguida publicado integralmente no *Jornal do Commercio* (1907), percebe-se a manifestação de suas concepções políticas e artísticas, como o desejo de que os governos, à época, tomassem conhecimento da importância das artes e de seu ensino para a emancipação do país:

[...] nossos governos, tanto Federal como os Estadões, se compenrem bem de que já é tempo de nos apresentarmos aos olhos do mundo moderno – não mais como um paiz exótico e incompreensível, depositado egoísta de fabulosas riquezas aferrolhadas e trancadas a 7 chaves, mas como um povo culto e de orientação segura sobre os seus grandiosos destinos, e que sabe perfeitamente que de nada lhe valeriam esses tão decantados thesouros que por tantos séculos fazemos usurariamente sepultos no subsolo da Patria, ou escondidos no âmago das nossas intérminas florestas, ou ainda mergulhados no leito profundo dos nossos caudalosos rios, como jazeram, de fato, durante todo o longo e mal iluminado (para não dizer negro) período da pretenciosa e imprevidente monarchia... si não viesse, de mãos dadas, ao seu encontro, a Sciencia, como um roteiro seguro e imprescindível para a descoberta desses mais suspeitados que conhecidos thesouros, a Industria, para a sua exploração e valorização máxima, e finalmente a Arte, como supremo anhelos e esforço supremo da intelligencia na anciã de metamorphosear esses mesmos thesouros em fontes perennes do bem estar e de extasia espirituales, já que é nos momentos de gozo esthetico que lhe proporciona a contemplação das produções do gênio artístico, que o espírito encontra o necessário conforto, o retemperamento indispensável para prosseguir na intérmina jornada que lhe foi imposta pela lei da evolução do progresso humano. (*Jornal do Commercio*, 1907)

Nota-se na fala de Figueiredo o desejo que o país pudesse ser visto não como um lugar exótico e incivilizado, mas guiado pela ciência para administrar seus tesouros e com a valorização da arte e seu ensino, para que atingisse o progresso, num anseio republicano. As artes trariam a verdadeira liberdade aos cidadãos.

Na obra *A Redenção do Amazonas*, a representação de várias figuras femininas evoca outras faces do movimento abolicionista. Uma delas resulta na participação das mulheres ativas nas associações abolicionistas. Percebe-se que Aurélio de Figueiredo buscou retratar não apenas o processo da libertação dos escravos, mas procurou evidenciar figuras socialmente reduzidas naquele momento, como o negro, o índio, as mulheres e as crianças.

Na narrativa criada pelo artista em sua pintura alegórica, não há uma divisão definida de planos, mas sim uma superposição de grupos de figuras, onde o real e o mitológico estão presentes sem necessariamente dialogar entre si. As alegorias das artes são apresentadas numa atmosfera mística, mas estão compenetradas nas próprias ações, pois não observam a cena dos devotos. As artes ainda precisariam ser alcançadas pelos

libertos, para total independência.

REFERÊNCIAS

AUSONI, Alberto. **La Música**. Milano: Electa, 2005.

CORDOVIL, Heloysa de Figueiredo. **Aurélio de Figueiredo: meu pai**. Rio de Janeiro: Gráfica Vida Doméstica, 1985.

EULÁLIO, Alexandre. De um capítulo de Esaú e Jacó ao painel do Último Baile. **Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP**. São Paulo, 1983.

LEXIKON HERDER. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

LIMA, H. Os precursores (conclusão). In: **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1963.

LORENTE, Juan F. Esteban. **Tratado de Iconografia**. Madrid: Istmo, 1989.

MACHADO, Humberto Fernandes. **Imprensa e abolicionismo no Rio de Janeiro**. ANPUH – XXII simpósio nacional de história – João Pessoa, 2003. <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.297.pdf> acesso em 12/02/2019

MENEZES, Bianca Sotero de. **As mulheres e o movimento abolicionista no Amazonas provincial**. VII Simpósio Nacional de História Cultural. História Cultural: escritas, circulação, leituras e recepções. Universidade de São Paulo – USP São Paulo – Novembro de 2014. <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Bianca%20Sotero%20de%20Menezes.pdf> acesso em Nov. 2019

MORAES, Renata Figueiredo. Os diferentes 13 de maio. História, memória e festa da abolição. **Revista Opsi**, v. 7, n. 9. Goiás, 2007. Disponível em Acesso em: jan. 2019.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. Edusp, 2004.

NETO, Provino Pozza. **Ave libertas ações emancipacionistas no Amazonas Imperial**. Manaus 2011. Dissertação de mestrado. < <http://ppgh.ufam.edu.br/attachments/article/211/Provino%20Pozza%20Neto%202011.pdf>> acesso: Nov. 2019.

PANOFSKY, Erwin e Dora. **A Caixa de Pandora: As transformações de um símbolo mítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PÁSCOA, Márcio. **A Vida Musical em Manaus na Época da Borracha (1850-1910)**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas/FUNARTE, 1997.

PINACOTECA do Amazonas: 50 anos. Manaus: Edições Governo do Estado/Reggo Edições, 2016.

PONTUAL, Roberto. **Dicionário das Artes Plásticas no Brasil**. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

QUILAN, Susan Canty, **Inês Sabino e as personagens femininas na Belle Époque**. Letras de Hoje. Porto Alegre v. 33, nº 3, p. 17-23, setembro de 1988. (p.2)

SCHUMAHER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

VAINSENER, Semira Adler. **Leonor Porto**. Fundação Joaquim Nabuco. www.caestamos.org/pesquisas_Semira/pesquisa-semira-adler-Leonor-porto.htm<acesso em 27/10/2018>

WARBURG, Aby. **O nascimento de Vênus e a Primavera de Sandro Botticelli**. Lisboa: KKYM, 2012.

PERIÓDICOS

Abolicionista do Amazonas, 4 de maio de 1884.

Gazeta do Norte, 21 de maio de 1890.

Jornal do Commercio, Manaus, 1907.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1890.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0